

2ª fase **exame discursivo** 13/12/2009

língua portuguesa / literatura brasileira

caderno de prova

Este caderno, com dezesseis páginas numeradas sequencialmente, contém dez questões de Língua Portuguesa/ Literatura Brasileira.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

instruções

1. Verifique se você recebeu mais dois cadernos de prova.
2. Verifique se seu nome, seu número de inscrição e seu número do documento de identidade estão corretos nas sobrecapas dos três cadernos.
Se houver algum erro, notifique o fiscal.
3. Destaque, das sobrecapas, os comprovantes que têm seu nome e leve-os com você.
4. Ao receber autorização para abrir os cadernos, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.
Se houver algum erro, notifique o fiscal.
5. Todas as respostas e o desenvolvimento das soluções, quando necessário, deverão ser apresentados nos espaços apropriados, com caneta azul ou preta.

Não serão consideradas as questões respondidas fora desses locais.

informações gerais

O tempo disponível para fazer as provas é de cinco horas. Nada mais poderá ser registrado após o término desse prazo.

Ao terminar, entregue **os três cadernos** ao fiscal.

Será eliminado do Vestibular Estadual 2010 o candidato que, durante as provas, utilizar máquinas de calcular, relógios digitais, aparelhos de reprodução de som ou imagem com ou sem fones de ouvido, telefones celulares ou fontes de consulta de qualquer espécie.

Será também eliminado o candidato que se ausentar da sala levando consigo qualquer material de prova.

boa prova!



Texto I

Tempo da camisolinha

Toda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! e eu me envaidecia deles, mais que isso, os adorava por causa dos elogios. Foi por uma tarde, me lembro bem, que meu pai suavemente murmurou uma daquelas suas decisões irrevogáveis: “É preciso cortar os cabelos desse menino.” Olhei de um lado, de outro, procurando um apoio, um jeito de fugir daquela
5 ordem, muito aflito. Preferi o instinto e fixei os olhos já lacrimosos em mamãe. Ela quis me olhar compassiva, mas me lembro como si fosse hoje, não aguentou meus últimos olhos de inocência perfeita, baixou os dela, oscilando entre a piedade por mim e a razão possível que estivesse no mando do chefe. Hoje, imagino um egoísmo grande da parte dela, não reagindo. As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano, até que se acabassem feitas trapos. Mas
10 ninguém percebeu a delicadeza da minha vaidade infantil. Deixassem que eu sentisse por mim, me incutissem aos poucos a necessidade de cortar os cabelos, nada: uma decisão à antiga, brutal, impiedosa, castigo sem culpa, primeiro convite às revoltas íntimas: “é preciso cortar os cabelos desse menino”.

Tudo o mais são memórias confusas ritmadas por gritos horríveis, cabeça sacudida com
15 violência, mãos enérgicas me agarrando, palavras aflitas me mandando com raiva entre piedades infecundas, dificuldades irritadas do cabeleireiro que se esforçava em ter paciência e me dava terror. E o pranto, afinal. E no último e prolongado fim, o chorinho doloridíssimo, convulsivo, cheio de visagens próximas atroz, um desespero desprendido de tudo, uma fixação emperrada em não querer aceitar o consumado.

Me davam presentes. Era razão pra mais choro. Caçoavam de mim: choro. Beijos de mamãe: choro. Recusava os espelhos em que me diziam bonito. Os cadáveres de meus cabelos guardados naquela caixa de sapatos: choro. Choro e recusa. Um não conformismo navalhante que de um
20 momento pra outro me virava homem-feito, cheio de desilusões, de revoltas, fácil para todas as ruindades. De noite fiz questão de não rezar; e minha mãe, depois de várias tentativas, olhou o lindo quadro de Nossa Senhora do Carmo, com mais de século na família dela, gente empobrecida mas diz-que nobre, o olhou com olhos de imploração. Mas eu estava com raiva da
25 minha madrinha do Carmo.

E o meu passado se acabou pela primeira vez. Só ficavam como demonstrações desagradáveis dele, as camisolinhas. Foi dentro delas, camisolas de fazendinha barata (a gloriosa, de veludo,
30 era só para as grandes ocasiões), foi dentro ainda das camisolinhas que parti com os meus pra Santos, aproveitar as férias do Totó sempre fraquinho, um junho.

MÁRIO DE ANDRADE

Contos novos. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

01

Observe o fragmento:

As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano, (l. 8-9)

Indique o termo ao qual o pronome pessoal oblíquo se relaciona. Em seguida, classifique sintaticamente esse pronome.

02

Mário de Andrade é um escritor conhecido pela adjetivação expressiva e original que utiliza em seus textos, como nos exemplos sublinhados abaixo:

Toda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! (l. 1)

palavras aflitas me mandando com raiva entre piedades infecundas, (l. 15-16)

Descreva o valor expressivo dos dois adjetivos e explique por que o emprego de cada um deles é peculiar.

03

Considere os diferentes processos de formação das palavras sublinhadas no fragmento abaixo.

Um não conformismo navalhante que de um momento pra outro me virava homem-feito, (l. 22-23)

Nomeie tais processos e classifique os elementos que compõem cada palavra.

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Texto II

Onde estás?

<p>É meia-noite... e rugindo Passa triste a ventania, Como um verbo de desgraça, Como um grito de agonia.</p> <p>5 E eu digo ao vento, que passa Por meus cabelos fugaz: “Vento frio do deserto, Onde ela está? Longe ou perto?” Mas, como um hálito incerto,</p> <p>10 Responde-me o eco ao longe: “Oh! minh’amante, onde estás?...”</p> <p>Vem! É tarde! Por que tardas? São horas de brando sono, Vem reclinar-te em meu peito</p> <p>15 Com teu lânguido abandono!... ‘Stá vazio nosso leito... ‘Stá vazio o mundo inteiro;</p>	<p>20 Mas por que tardas, querida?... Já tenho esperado assaz... Vem depressa, que eu deliro Oh! minh’amante, onde estás?...</p> <p>25 Estrela – na tempestade, Rosa – nos ermos da vida; Íris¹ – do naufrago errante, Ilusão – d’alma descrida²! Tu foste, mulher formosa! Tu foste, ó filha do céu!...</p> <p>30 ... E hoje que o meu passado Para sempre morto jaz... Vendo finda a minha sorte, Pergunto aos ventos do Norte... “Oh! minh’amante, onde estás?...”</p>
---	---

CASTRO ALVES

Espumas flutuantes e outros poemas. São Paulo: Ática, 1998.

Vocabulário:

¹íris - paz, bonança

²descrida - que não crê

04

'Stá vazio nosso leito...

'Stá vazio o mundo inteiro; (v. 16-17)

Nos versos acima, estão presentes figuras de linguagem como recursos estilísticos.

Nomeie duas delas, explicando o efeito expressivo obtido com seu emprego.

05

No texto II, há uma forma verbal que expressa uma súplica feita pelo eu lírico à mulher amada.

Identifique essa forma verbal e as respectivas flexões de pessoa e modo.

Texto III

O comprador de fazendas

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cinquenta contos na loteria. Não se riam. Por que motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e ele tinha no bolso um bilhete? Ganhou os cinquenta contos, dinheiro que para um pé-atrás daquela marca era significativo de grande riqueza.

- 5 De posse do bolo, após semanas de tonteira deliberou afazendar-se. Queria tapar a boca ao mundo realizando uma coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda. Correu em revista quantas visitara durante os anos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. la nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha e a ideia de meter na administração ao sogro, de jeito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor de
10 Zilda e os requintes culinários da sogra. Escreveu, pois, a Moreira anunciando-lhe a volta, a fim de fechar-se o negócio.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de cólera, entremeio a bufos de vingança.

- É agora! – berrou o velho. – O ladrão gostou da pândega e quer repetir a dose. Mas desta feita
15 curo-lhe a balda¹, ora se curo! – concluiu, esfregando as mãos no antegoço da vingança.

No murcho coração da pálida Zilda, entretanto, bateu um raio de esperança. A noite de sua alma alvorejou ao luar de um “Quem sabe?” Não se atreveu, todavia, a arrostar² a cólera do pai e do irmão, concertados ambos num tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Acendeu outra velinha a Santo Antônio...

- 20 O grande dia chegou. Trancoso rompeu à tarde pela fazenda, caracolando o rosilho³.

Desceu Moreira a esperá-lo embaixo da escada, de mãos às costas.

Antes de sofrear⁴ as rédeas, já o amável pretendente abria-se em exclamações.

– Ora viva, caro Moreira! Chegou enfim o grande dia. Desta vez, compro-lhe a fazenda.

- Moreira tremia. Esperou que o biltre⁵ apeasse e mal Trancoso, lançando as rédeas, dirigiu-se-lhe
25 de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o paletó um rabo de tatu e rompe-lhe para cima com ímpeto de queixada⁶.

– Queres fazenda, grandíssimo tranca⁷? Toma, toma fazenda, ladrão! – e *lepte, lepte*, finca-lhe rijas rabadas coléricas.

- O pobre rapaz, tonteando pelo imprevisto da agressão, corre ao cavalo e monta às cegas, de passo
30 que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de agravadíssimo ex-quase-cunhado.

Dona Isaura atíça-lhe os cães:

– Pega, Brinquinho! Ferra, Joli!

- O mal azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge à
35 toda, sob uma chuva de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir na grita os desaforos esganiçados da velha:

– Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma! Em outra não hás de cair, ladrão de ovo e cará!...

E Zilda?

Atrás da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em uma nuvem de pó, o cavaleiro gentil dos seus dourados sonhos.

- 40 Moreira, o caipora⁸, perdia assim naquele dia o único negócio bom que durante a vida inteira lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte – da filha e da Espiga...

MONTEIRO LOBATO

Urupês. São Paulo: Globo, 2007.

Vocabulário:

¹balda - defeito habitual, mania

²arrostar - encarar sem medo

³rosilho - cavalo de pelo avermelhado

⁴sofrear - conter

⁵bitre - homem vil, infame

⁶queixada - espécie de porco-do-mato

⁷tranca - indivíduo ordinário, de mau caráter

⁸caipora - indivíduo azarado

06

Observe as expressões destacadas nos fragmentos abaixo.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de cólera, entremeio a bufos de vingança. (l. 12-13)

Toma, toma fazenda, ladrão! – e lepte, lepte, finca-lhe rijas rabadas coléricas. (l. 27-28)

Classifique essas expressões e explicito o valor estilístico de cada uma.

07

O personagem Trancoso é caracterizado de diferentes formas ao longo do texto.

Indique duas caracterizações que contrastam entre si, apresentando o ponto de vista que justifica cada uma.

08

Observe a oração:

Desta vez, compro-lhe a fazenda. (l. 23)

Classifique sintaticamente o pronome pessoal. Em seguida, reescreva a oração, substituindo-o por outra palavra de igual valor, mantendo o sentido original.

Texto IV

À televisão

Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?

5 A comida suculenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.

Nos dramalhões que encenas
10 há tamanho poder
de vida que eu próprio
nem me canso em viver.

Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
15 Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.

JOSÉ PAULO PAES

Prosas seguidas de odes mínimas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

09

Considere a estrofe a seguir.

*Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
nem me canso em viver. (v. 9-12)*

Identifique a primeira oração da estrofe, classifique sintaticamente a segunda oração e aponte a circunstância adverbial expressa pela terceira oração.

10

No texto IV, José Paulo Paes faz uma reflexão crítica sobre a televisão. Em cada estrofe do poema há um verso que estabelece uma progressão temática.

Aponte esses versos e explique como eles contribuem para essa progressão.

